

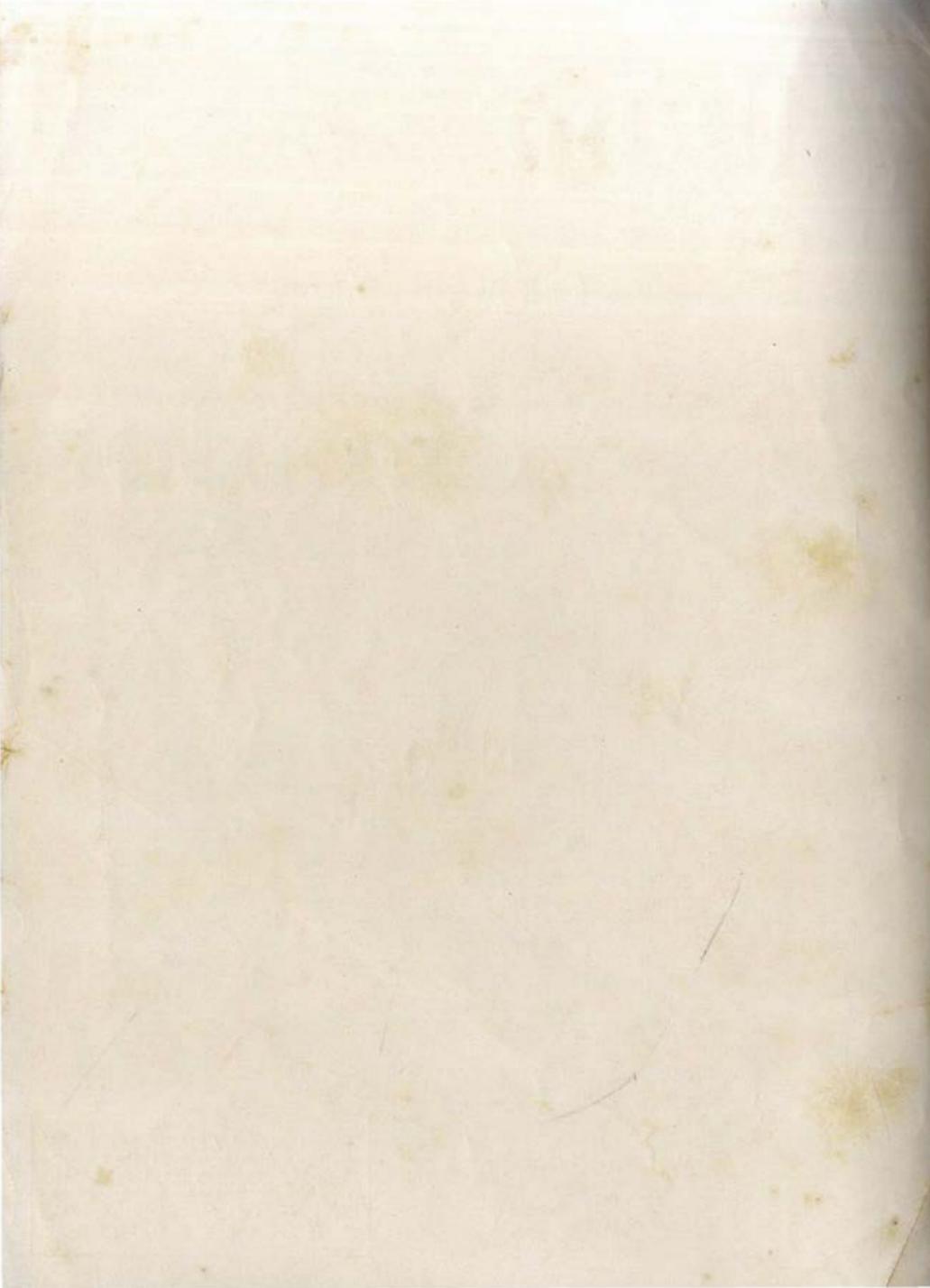
95/E

Biblioteca Popular de Lisboa

Album dos Vencidos

N.º 6

Editor, Director e Proprietario, Alberto Pereira d'Almeida ♦ Redacção e Administração, Rua Ruy de Pina, n.º 18, GUARDA ♦ Composto e impresso na Typographia do Anuario Commercial, Praça dos Restauradores, 27, Lisboa.



D. Julia Maria de Brito e Cunha

Nasceu no Porto em 22 de agosto de 1860.

Filha de Antonio Bernardo de Brito e Cunha (já fallecido), funcionario superior, que foi, da alfandega do Porto, e de D. Guilhermina Julia da Silva e Brito.

Por tradição de familia e pelos seus proprios sentimentos é profundamente liberal. Um seu avô, Antonio Bernardo de Brito e Cunha, pagou com a vida o seu amor á liberdade, sendo justicado na Praça Nova, do Porto, em 7 de maio de 1829.

Tanto por seu Pae como por sua Mãe, descende de nobres e distinctas familias do norte de Portugal, como, por occasião da prisão d'esta senhora, o affirmou, nas suas correspondencias para o *Primeiro de Janeiro*, José de Alpoim, que era das antigas relações d'essas familias.

E' senhora muita intelligente, de grandes faculdades de trabalho, e profundamente catholica, tendo sempre aproveitado todas as circunstancias que se lhe proporcionam para engrandecer a Igreja, animando e concorrendo para o desenvolvimento da Fé catholica.

Durante a sua vida tem collaborado com as senhoras da sociedade em innumeradas obras de caridade e beneficencia, sendo sempre solicitado o seu valioso concurso.

Amiga intima da fallecida senhora Duqueza de Palmella e da senhora Marquiza de Rio Maior, foi, com estas duas senhoras, uma das fundadoras das Cosinhas Economicas de Lisboa, da iniciativa da saudosa Duqueza.

Por occasião do governo provisorio da Republica dissolver as congregações religiosas, foram notaveis os serviços que esta senhora prestou, angariando subsidios em fatos e em dinheiro, para vestir e pagar as passagens aos religiosos e religiosas que seguiram para o estrangeiro, desenvolvendo então grande actividade e animando a todos com palavras de conforto durante a prisão que soffreram, antes de embarcar.

Com a extinção das Congregações religiosas deixou de funcionar, entre nós, uma das instituições mais uteis e moralisadoras que havia em Lisboa: o Recolhimento do Bom Pastor, a que uma associação de senhoras, a *Associação de Santa Maria Magdalena*, dava todo o auxilio e apoio. Fechado o Recolhimento, dispersaram-se as educandas, e as que não poderam encontrar albergue foram mandadas para o Aljube!

Reorganizada, por essa occasião, a direcção da *Associação de Santa Maria*

Magdalena, e tendo á sua frente, no cargo de presidente, a Senhora D. Julia de Brito e Cunha, tratou de installar a officina de bordados das antigas educandas do Bom Pastor n'uma casa ampla, com internato, e ali foram recebidas, entre outras, as que estavam no Aljube, sendo extraordinaria a dedicação que a presidente da Associação tem por todas as protegidas, como carinhosa é tambem a amizade que estas lhe dedicam, e se observa todos os domingos quando vão de visita á prisioneira da Republica.

Foi-lhe encontrado em casa material de soccorros medicos, não occultando aquella senhora que era, de facto, sua intenção estabelecer um posto de soccorros a feridos, no caso de alteração de ordem publica, do que se vinha receiando desde o principio do anno.

O seu fim era exclusivamente humanitario, conforme o declarou e se provou, pois que entre os papeis apprehendidos estava um officio, prompto a ser expedido, dirigido á Sociedade da Cruz Vermelha, e no qual faltava apenas a data e o local, o que deveria escrever-se na occasião da expedição.

N'este officio, a sua signataria, invocando a qualidade de socia, e dizendo ter montado um posto de soccorros a feridos, fazia a declaração expressa de que era *independente de côr politica*, pedia que a auctorisassem a arvorar a bandeira da Cruz Vermelha, e lhe mandassem macas e braças.

Eis o seu nefando crime!

Tem esta senhora um estabelecimento commercial de artigos religiosos na Rua da Prata, esquina da Rua dos Retrozeiros, occupando loja e 1.º andar. Foi uma empregada d'este estabelecimento e um creado que a denunciaram de possuir ali o material referido.

Só no dia 6 de maio lhe intimaram a nota da culpa, o que quer dizer que tem estado presa oito mezes e meio sem culpa formada.

Mesmo na prisão do Aljube tem continuado sempre os seus actos de caridade christã, auxiliando as presas doentes e as creanças, tanto com soccorros materiaes, como promovendo os soccorros espirituaes.

A uma pobre velhinha que falleceu n'aquella cadeia, dispensou todo o auxilio durante a doença e, ao approximar-se a hora extrema, solicitou e obteve para a enferma os sacramentos da Igreja, não a abandonando nunca. Depois da morte, sósinha, lhe velou religiosamente o cadaver e promoveu-lhe o enterro catholico.

Tão profunda impressão causou, nos filhos da modesta presa fallecida, a dedicação d'aquella nobre senhora, que elles depois de acompanhar o feretro ao Cemiterio, vieram á imprensa testemunhar a sua gratidão pelo amparo prestado nos ultimos dias da vida de sua mãe, e por tudo o que lhe fizera depois de morta.

Pelos seus sentimentos religiosos e satisfazendo o pedido das mães, tem promovido o baptismo de todas as creanças, filhas das presas; e estas muito reconhecidamente lhe agradecem o beneficio e manifestam o maior respeito dor quem lh'o dispensou.

Esteve presa desde 19 de agosto de 1912 e foi julgada nos ultimos dias de maio de 1913, sendo absolvida.



Jr

D. Julia de Brito e Cunha

Conselheiro João Franco Castello Branco

Os mesmos punhos cerrados, os mesmos uivos e latidos d'esse animal de mil cabeças que se chama a multidão, desenfreada e aggressiva, que parecia abocanhar João Franco, quando após a revolução entrava sob custodia no tribunal da Boa-Hora, podiam levantar-se contra nós se logo nas primeiras paginas d'esta obra prestassemos homenagem como era de justiça, a este notabilissimo homem d'Estado, que lá longe nas praias francezas, assistindo tristemente ao desfazer das glorias da sua nação, como das ondas que se quebram a seus pés, paga com o exilio o castigo de um dia querer ter sido util á sua patria.

Mas agora que uma saudade se torna quasi geral, porque uma dictadura sem escrupulos mais alto se alevanta, fallar de João Franco já não provoca a cólera das turbas inconscientes.

E porque a sua vida publica terminou ha muito na tarde de 1 de fevereiro de 1908, sendo uma infantilidade para muitos, mesmo para alguns que contribuíram para os seus desgostos e o guerrearão, alimentar a esperança de que ainda volte um dia a prestar ao seu paiz o seu comprovado concurso e o devotado patriotismo.

O *Album dos Vencidos* que tem a honra de archivar nas suas paginas o seu retrato, e vae descrever em rapidos traços os factos mais notáveis da sua vida e os serviços com que engrandeceu a sua nação, não o considera como um vencido; João Franco acha-se vingado, e teria hoje razões de sobejo para rir-se de tudo isto e de todos aquelles que se conjuraram para a sua morte politica, se á nostalgia da patria não viesse juntar-se a dôr pelas desgraças que a estão ferindo.

João Franco é uma individualidade que se destacou entre os estadistas portuguezes do seu tempo. Nenhum como elle conquistou em menós tempo e com mais justiça as eminencias do poder; nenhum outro correspondeu mais cabalmente a espectativa publica, sempre exigente para os que lhe pedem o suffragio.

Na luta de ambições que disputam o poder é grande gloria o triumphar. Muitas vezes a audacia sobreleva ao merito; mas se elle não existe, o triumpho é ephemero, e pode quando muito satisfazer de momento ambições mal soffridas ou a vaidade impertinente, mas afinal cae e desfaz-se como a bola de sabão.

Triumphar conservando virentes os loiros da victoria, só é permitido aos espiritos privilegiados, áquelles de quem as ambições honradas se justificam pelo triumpho de ideias, que, por serem boas encontram a resistencia e provocam a luta, a eterna luta do reformador que vae na vanguarda combatendo abusos,



Conselheiro João Franco

vícios, erros e lutando tanto mais, quanto mais honesto e intransigente é o lutador.

Pois foi assim o homem que hoje se acha expatriado. Todos o sabem pelos actos do seu governo e pela sua vida publica; seria bem inutil repetil-o.

Não vae longe a epocha em que o homem de quem escrevemos se sentou pela primeira vez nas cadeiras do parlamento; foi em 1884 a sua estreia parlamentar; estreia brilhante que logo o sagrou um orador dos que dominam as assembleias; dominio que tem sabido guardar sem esmorecimentos, antes com a energia de character e a eloquencia convencida pela causa que defende ou ataca.

Experimentado no fôro, pois representou o ministerio publico em varias comarcas, na tribuna parlamentar não o assustaram as pugnas da palavra, restando apenas saber se aos superiores dotes de orador correspondiam os predicados de estadista.

São lembrados d'aquelle tempo da publica administração, os annos de 1886 a 1889, em que se havia desenvolvido a febre estranha do ouro e dos negocios, que nos dava a illusão de que o paiz estava rico e nadava em dinheiro. Entretanto a divida nacional crescia assustadora e aquella riqueza emprestada teve a sua natural consequencia n'uma crise financeira e economica que os acontecimentos de janeiro de 1890 aggravaram.

Os cofres publicos estavam exaustos e egualmente o credito do paiz.

Foi então, n'estas circumstancias que Franco Castello Branco subiu pela primeira vez aos conselhos da corôa, sendo ministro da fazenda no ministerio presidido por Antonio de Serpa.

A missão era espinhosa; as difficuldades grandes. Para um piloto experimentado era o cargo pesadissimo; para estreia d'um parlamentar era esmagador.

Só uma vontade de ferro poderia fazer face aos perigos que assaltavam a fazenda publica; só a um espirito energico e honrado viria a coragem de arrostar com a situação.

Era preciso dar conhecimento ao paiz do estado real das suas finanças; dizer-lhe a verdade inteira afim de que elle não extranhasse os sacrificios de que havia mister. A difficil tarefa, o penoso encargo assumiu-o João Franco, vindo á camara declarar honradamente o que de ha muito andava mascarado, embora se lhe sentissem os efeitos perniciosos.

Para a esconjura do mal era de urgencia uma administração austera, o restabelecimento da moralidade nos negocios, e apear o bezerro de ouro que tinha fascinado tantos espiritos.

Todos assistimos a essa derrocada cruel, mas inevitavel, para se salvar a honra do paiz; e o homem que teve a coragem de iniciar a campanha, foi o conselheiro João Franco.

Assim provou as suas qualidades de estadista.

Os acontecimentos que vieram de janeiro a agosto de 1890, determinaram a queda do ministerio Serpa Pimentel; entretanto aquelle titular da fazenda deixava decretado o 6% adicional com o que conseguiu augmentar a receita do estado em cerca de 2:000 contos, e o monopolio do tabaco, medidas que o

deploravel estado do thesouro tornou uma dura necessidade para o equilibrio das finanças. A situação que veio depois do gabinete Serpa Pimentel não foi menos attribulada; e o honrado general João Chrysostomo d'Abreu, que assumiu a sua presidencia teve, em maio de 1891, que pedir a demissão do ministerio, encarregando-se contudo, por um esforço patriotico, de organizar novo governo.

Foi n'este gabinete que João Franco entrou pela segunda vez nos conselhos da corôa, encarregando-se da pasta das obras publicas. Ahi proseguiu na sua administração reformadora, realisando importantes economias, ante as quaes não hesitou, levado pela justa ambição de bem servir o seu paiz, nas difficeis circumstancias em que elle se encontrava.

Pouco se lhe deu das inimidades dos que vivem da politica e dos favores do governo.

Elle não vinha ali tão apenas para servir os amigos e attrahir os satelites do interesse; vinha servir a nação como tinha por bem ser-lhe mais util no meio do desbarate em que tudo se encontrava. E a opinião publica fez-lhe justiça.

Estava satisfeita a sua consciencia.

O segundo ministerio organizado pelo general Abreu e Souza não logrou viver alem de fevereiro de

1892, substituido que foi pela situação Dias Ferreira, que só guardou o poder até março de 1893, apesar das suas medidas de salvação publica.



Joaquim Augusto d'Almeida

Nasceu a 21 de janeiro de 1874 em Alcanhões, concelho de Santarem, sendo preso n'esta cidade a 1 de julho de 1911 e na mesma data á noute o Comendador Paulino da Cunha e Silva na sua quinta da Comenda em Alcanhões de quem aquelle era escripturario, cargo que ainda hoje exerce. Foi julgado a 29 de novembro do mesmo anno no tribunal especial das Trinas, onde foi condemnado em 6 annos de prisão maior cellular seguidos de 10 de degredo, na alternativa de 20 annos em possessão de segunda classe e nas custas e sellos do processo, por ter sido portador d'uma carta para um official de artilheria, não se chegando a provar que elle fosse conhecedor do seu conteudo, de maneira a avallar da responsabilidade da sua missão.

A crise financeira vencia todos os governos, e uma outra crise, não menos perigosa, augmentava perturbando a ordem e estabelecendo a anarchia.

A revolta de janeiro de 1891 no Porto, embora suffocada ao nascer, deixára inquietos os espiritos e augmentara a desconfiança publica.

O governo não apparentava ter a força bastante para restabelecer a ordem e o credito. O mal estar era geral, e a cada canto se mostravam os salvadores da causa publica, que nada salvavam, antes tudo compramettiam.

O gabinete Hintze Ribeiro que succedeu áquelle (Dias Ferreira), subia ao poder nas circumstancias as mais difíceis. Tinha que pedir novos sacrificios á nação, e encontrava os espiritos exaltados, irrequietos, maus de dirigir e orientar.

Com este governo subiu pela terceira vez aos conselhos da corôa Franco Castello Branco, assumindo a pasta do reino. Era já uma boa garantia para a boa gerencia do ministerio, e foi-o seguramente porque os factos logo se encarregaram de o demonstrar.

A anarchia parecendo ter estabelecido em Portugal seus arraiaes, foi pouco a pouco dominada e definida a situação de governantes e governados.

A reforma administrativa, a eleitoral, as de segurança publica, o acatamento das leis, tudo veio para a restauração da ordem e para a tranquillidade publica, a cuja sombra obteve melhorar o estado financeiro e economico do paiz.

Foi com Oliveira Martins e outros, um dos fautores da politica proteccionista, fazendo parte na commissão que confeccionou as pautas proteccionistas de 1892, como presidente da commissão de fazenda da camara dos deputados.

Na situação regeneradora que succedeu ao gabinete progressista (julho de 1900), o conselheiro João Franco não entrou no gabinete do novo ministerio.

Na memoravel sessão de 13 de fevereiro de 1901, o discurso produzido por João Franco a proposito de concessões no ultramar não agradou ao governo; na sessão seguinte Hintze Ribeiro alludiu a esse discurso, que considerou de opposição declarada. As sessões foram proseguindo sem incidentes de maior gravidade, até que na sessão de 14 de maio o deputado por Vianna do Castello, Malheiro Reimão, atacou vivamente o projecto relativo á contribuição industrial. Na sessão seguinte João Franco atacou tambem esse projecto, explicando desasombroadamente á camara as razões de ordem politica e economica que o levaram a combater esse projecto. Estes discursos causaram viva impressão produzindo a dissolução da camara, pois que muitos deputados acompanharam João Franco na sua orientação politica, ficando elle fóra da camara, forjando-se uma lei eleitoral com esse intuito.

Com os seus amigos, porque os teve do maior valor, lançou então as bases do partido regenerador liberal (franquista), sendo inaugurado com grande exito em Lisboa a 29 d'abril de 1903, e proseguindo depois n'uma acção de propaganda pelas provincias, conquistou adeptos considerados, até que o seu agrupamento partidario impondo-se pelo numero, qualidade e orientação, é chamado aos conselhos da corôa em situação grave.

Como precisasse então dos votos dos eleitores, João Franco, sollicitou-os

em conferencias publicas, o que levou o Conselheiro João Arroyo em sessão da camara dos pares a fulminal-o em linguagem humoristica por andar fazendo comicios pelos quartos andares e aguas furtadas; ao que Franco Castello Branco respondeu: «*que embora andasse pelos quartos andares e aguas furtadas, podia garantir ao illustre par, que pela primeira vez se fizeram eleições sem sahirem 10 réis dos cofres publicos*».

A politica rasgadamente liberal que pôz em pratica enquanto o permitia a situação do paiz, permitindo o ingresso de quatro deputados republicanos no parlamento, a moralidade e as medidas de grande alcance, que promulgou, entre as quaes destacamos a lei das incompatibilidades, assustaram os velhos partidos rotativos que viram a sua morte proxima, conjurando-se por isso para a tragedia de 1 de fevereiro.

João Franco, conselheiro de Estado, nasceu no Fundão em 14 de fevereiro de 1855. Desde as bancadas da Universidade se salientou pela vivacidade do seu espirito e pela energia do seu caracter, revellando as mais altas qualidades que mais tarde, quando definitivamente lançado nos conflictos dos partidos, lhe haviam de dar o papel importante que tem desempenhado na politica do seu paiz. Bacharel formado em direito em 1875, entrou na carreira administrativa desempenhando os seguintes cargos, todos adquiridos em concurso por provas publicas: delegado do procurador regio nas comarcas de Sattam, Baião, Alco-



**Antonio Andrade da Costa
e Silva de Bivar**

No conhecido «complot» descoberto no quartel dos Loyos, era elle um intermediario.

Após as primeiras prisões, avisado a tempo fugia para Hespanha, e teria escapado se o incidente d'elle se ter enganado no caminho que levava a atravessar a fronteira, o não fizesse cair nas mãos de uma patrulha de cavallaria que então rondava aquelas paragens.

Preso e conduzido a Lisboa, foi presente a julgamento com os seus co-réus, no tribunal de Santa Clara, no dia 2 de novembro de 1912, sendo condemnado a prisão maior.

E' filho do Visconde de Bivar e de D. Thereza da Conceição Borralha, ambos fallecidos. Nasceu a 12 de junho de 1858 em Villa Nova de Portimão e foi baptisado na freguezia de Quiaios, da Figueira da Foç.

baça e 2.º districto de Lisboa (1877-1883); chefe de serviço na administração geral das alfandegas (1885-1886), tendo quasi sempre desempenhado as funções de administrador geral das alfandegas com tanta elevação e criterio que foi louvado em portaria firmada por um ministro da fazenda adverso á politica regeneradora que militava; auditor do Tribunal do Contencioso Fiscal Aduaneiro, cargo para que foi despachado em dezembro de 1886, e de que foi esbuhlado pela republica.

Eleito pela primeira vez deputado pelo circulo de Guimarães em 1884, que nunca mais deixou de representar em côrtes; incompativel com o cargo de deputado, o futuro auctor da lei das incompatibilidades optou pelo cargo de deputado, perdendo o que tinha na magistratura judicial. Durante o tempo em que como deputado teve assento na camara, pronunciou discursos notaveis entre os quaes os relativos ás questões da *outra metade, porto de Lisboa, porto de Leixões, pauta geral das alfandegas, questão sobre os adeantamentos*, que teve a audacia de trazer a publico, etc.

Taes como são estas desprezenciosas linhas, escrevemo-las, em condigna homenagem á verdade, ainda que as temos em pouco para a exacta biographia de homem tão eminente.



Commendador Belmiro Augusto d'Oliveira

A fileira dos perseguidos é enorme, e o *Album dos Vencidos* honra-se apresentando mais um, — o nosso amigo sr. Commendador Belmiro Augusto d'Oliveira, de cincoenta e um annos, viuvo, pharmaceutico e proprietario, natural e residente na Villa de Paredes.

Sob a accusação de conspirar contra a republica foi preso no dia treze de outubro de mil novecentos e onze, estando até quinze do mesmo mez na cadeia da villa onde foi interrogado pelo juiz de investigação Costa Santos, indo n'esse mesmo dia parar ao aljube do Porto, onde esteve preso até um de novembro do mesmo anno, sendo depois restituído á liberdade.

Foi agraciado com a Commenda da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, pelo desventurado Rei D. Carlos.

Sempre militou no partido progressista, tendo exercido o cargo de administrador do concelho de Paredes, desde mil oitocentos e noventa e sete a mil e novecentos, e de mil novecentos e quatro a mil novecentos e seis.



R.

Commendador Belmiro A. d'Oliveira

Padre Joaquim Pereira Monteiro

E' um erro suppôr-se que para uma biographia se exige que a vida de um homem tenha decorrido em seu percurso assignalada por circumstancias e factos extraordinarios, merecendo gloriosas apotheeses das multidões, que lhe festejam a excellencia ou a singularidade.

Como tambem é um erro e ás vezes desgraçadamente uma injustiça levar-se o enthusiasmo ou a paixão ao ponto de baratarem-se os maiores elogios a quem de facto ou não os merece, ou ainda, a quem deixou a vida vinculada com o ferrete indelevel do odio e da ignominia.

E' em homenagem á virtude e ao merito que nas paginas d'este livro, hoje recordamos um nome respeitavel e venerando, seguros como estamos de que a virtude e o merito onde quer que se encontrem estão muito acima dos respeitos e das criticas dos homens.

Importa tambem accentuar que nos tempos deveras tristes que a sociedade portugueza vae atravessando, quando em todas as classes sociaes se notam progressivamente fallencias de caracteres, quando vemos a immoralidade lavrar desenfreadamente e cestrar quasi ao nascer as gerações que deveriam trazer um futuro brilhante, uma nova era de paz e de esplendor a este agonisante paiz, quando enfim vemos e sentimos um não sei que mal estar, um descontentamento geral que nos lança n'uma incerteza e desconfiança assás molestas pelo dia de amanhã e nos faz prever novos e mais desastrosos acontecimentos, não será justo que no coração dos bons portuguezes e de todo o homem honesto se levante um sentimento não digo já de admiração, mas de sympathia e reconhecimento por aquelle que desde o berço á sepultura e atravez de todas as miserias sociaes soube conservar illezas a propria integridade de character, como tambem a dignidade ao mesmo tempo de homem e de sacerdote, e reagir sempre contra as proprias paixões desordenadas?

Pois bem. Não é preciso encommendar á phantasia a criação de um homem de molde a applicar-se-lhe as considerações até aqui feitas, porquanto os que tivemos a dita de conhecer e tratar de perto o inolvidavel padre Pereira Monteiro, facilmente poderemos fazer uma adaptação em toda a linha, confrontando o que dissemos com o que muito mais eloquentemente nos disse a sua vida.

Mas, afinal, o que é a vida?

A vida é uma folha que cæe. Assim o disse uma grande alma, um grande vulto da nossa terra.

E eu ao assistir agora a um acontecimento tão emocionante, na terrível rapidez como o espectro da morte poisou sobre a existencia d'um homem, que ainda ha dois dias era um numen bemfazejo dos povos que tinham a felicidade de o possuir como pastor, o espirito affavel e franco que se desentranhava em ondas de bondade e de affecto para com a familia, digna e prestimosa, de quem era um membro honrosissimo, para os amigos, de quem era tão dedicado, eu não posso fitar sem terror, sem máguia profunda, sem espanto, esta tragedia terrível e pungentissima.

Ha dois dias uma vida só dedicada a fazer bem, só destinada a transitar na terra suavizando o sofrimento dos infelizes com uma palavra, com um conselho, com o obulo da sua caridade inextinguivel e com a dedicação da sua alma nobre e altruista.

Sereno e placido, nunca um parochiano, um necessitado se abeirou da sua casa, se approximou do seu vulto, sem que d'elle se desprendesse um effluvio de bem estar e que, como por encanto, fazia esquecer a dôr e a miseria.

Era o pastor evangelico da freguezia, mas na mais perfeita accepção da palavra.

Elle tomava para modelo esse vulto da Judeia que era o seu mestre e que imitava em elevadissimo grau. Levava aos lares de todos os que o precisavam a sublime moral do christianismo, e levava-a na sua mais suave e serena expressão; mas n'um sorriso franco e bondoso da sua alma illustrada, a pureza, a verdade dos ensinamentos genuinos da bondade do Christo.

Padre Joaquim Pereira Monteiro não recusava o seu auxilio nem aos que gemem, nem aos que expiam. O Universo para elle era uma como immensa enfermidade; por toda a parte sentia febre, por toda a parte auscultava soffrimento, e do que tratava era de curar a chaga sem se deter a decifrar o enigma.

O temeroso espectáculo das coisas creadas tornava-lhe mais intensamente compassiva a indole bemfazeja.

A sua constante occupação era procurar para si proprio e inspirar aos outros o melhor modo de consolar e suavisar alheios infortunios.

Para o virtuoso sacerdote, exemplo de rara bondade, era quanto existe um motivo permanente de tristeza, mas tristeza que se desvellava em consolações para com todos os infelizes.



Padre Joaquim P. Monteiro

Ha homens que se occupam na extração do ouro; elle occupava-se na extração da piedade.

As suas minas eram a miseria universal, e o soffrimento onde quer que apparecia, tornava-se uma occasião de deixar assignalada com mais algum affecto a sua natural bondade.

Amai-vos uns aos outros — eis toda a sua doutrina, doutrina que elle plenamente executava e que fôra seu mais ardente desejo vêr geralmente posta em pratica.

Morreu. Oh! como sôa lugubrememente aos meus ouvidos esta palavra, traduzindo a verdade, que acabrunha e faz vacillar como o roble do deserto sacudido pelo furacão, as almas de tantas pessoas que o estimavam, da familia que o estremecia! Que dôr cruel, inexprimivel não está experimentando a alma sensivel e amavel d'alguem que o acompanhou atravez da sua vida depois que elle sahio, homem feito, investido na missão de guiar e esclarecer as consciencias onde fixou o seu lar!

Extinguiu-se a luz do seu olhar, onde perpassavam as claridades brancas e refulgentes da sua bella alma, serrou-se a bocca onde affloravam, suaves e sãs, as palavras da alegria e da beneficencia; e extinguiu-se n'aquelle vulto a chama que durante dezenas de annos ardeu generosa e prestante, difundindo a luz nos espiritos e o amor nos corações: escondeu-se abaixo do horisonte para não mais brilhar no ceu immaculado o astro radiante da sua existencia!

Ai, eu não sei ainda (como esta ideia é cruel! parece-me uma phantasia mais ou menos vaga do meu espirito excitado!) como no espaço de uma semana a natureza soltou em volta do seu leito os gritos tragicos do firmamento; e dos hymnos cantantes d'uma vida semelhante ao meigo sorriso das creanças, se desprendeo o anjo pallido da Morte e poisou sobre a sua fronte a corôa triste das perpetuas!

Morreu! Não. Deante de nós apresenta-se a sua figura sorridente e bondosa; se o olhar de Deus é o immenso telescopio por onde nós fitamos as existencias atravez dos mundos, ao evocarmos o seu busto sereno e nobre veremol-o sob o influxo da sua omnipotencia conversar conosco nas regiões distantes!

Morreu! Sim. Mas escuta por certo estes éstos de sentimento que 'um amigo verdadeiramente sincero lhe tributa no decorrer da sua viagem, as lagrimas que lhe tributa a familia n'uma inolvidavel saudade, as bençãos e as orações de affecto e gratidão d'um povo inteiro; e ao passar por essas regiões do Infinito, em busca de primaveras interminaveis, elle olha para traz, preso da nostalgia da terra, e aos seus olhos apparecerão confundidas com sorrisos, lagrimas de satisfação e de aprazimento.

Descansa, ah! descansa! e gosa nas mansões celestes a eterna, a perduravel, a clarissima felicidade dos bons.

Eduardo João Ribeiro.

Nunca se dissipará da memoria de quantos assistiram aos officios funebres e ao enterro do Padre Joaquim Pereira Monteiro, prior e arcipreste da Pêra do Moço, a comoção profundissima que então tantas lagrimas fez derramar, honrando no seu ultimo despedimento a memoria d'este sacerdote exemplar, d'este verdadeiro homem de bem.

E' que á fatalidade esmagadora de pungecias, d'esta separação irremediável juntára-se a surpresa para todos, mesmo para os que souberam da sua curta doença.

Quem estas linhas escreve tem assistido a centos de funeraes na sua já longa vida. Nunca assistiu a nenhum como este, em que a saudade immensa, vivissima, abrangesse a tanta gente e que tão pungentemente se manifestasse n'um côro unisono de tanta lagrima sincera, espontanea, irreprimivel.

Quando entrámos na Igreja, já sobre a sua eça repousava o cadaver, acompanhado por todos os parochianos da Pêra do Moço, desde o velho, que mal se podia ter de pé arrumado ao bordão, até á criança da idade escolar, que nenhuma ali faltou. A muito custo se podia atravessar a vasta igreja por entre a multidão, silenciosa e triste, d'olhos cravados no caixão funerario, assistindo com as suas rézas aos officios de corpo presente que todo o clero do seu arciprestado e algum de fóra lhe estava fazendo.

Quando se empunhou a primeira cruz para se formar o cortejo que havia de levantar da eça o cadaver, apoderou-se de todos tal commoção que a multidão rompeu em tanto alarido de vozes e de soluços, que não mais se ouviu, até chegar ao coval, a voz plan-



Padre Manoel Antonio Rodrigues

Foi preso na freguezia de Meixêdo, concelho de Bragança, onde é abade, a 9 de outubro de 1911, entrando na cadeia de Bragança, aljube do Porto, Limoeiro e Trafaria, d'onde sahiu para responder no tribunal especial das Trinas em 7 de março de 1912, sendo absolvido. Este facto provocou a cólera popular contra o réu, o Dr. Mario Monteiro, seu advogado, e o jury.

O Dr. Mario Monteiro foi agredido. o jury desfeitoado, escapando o réu por se ter refugiado na sacristia da igreja do convento, d'onde sahiu pela porta particular, disfarçado com o vestuario d'um amigo. Com este vergonhoso facto terminou o tribunal especial das Trinas.

gente do canto funebre do clero concluindo escrupulosamente as encommendações do complicado ritual.

Só os que estavam mais proximos podiam, commovidos tambem, apreciar as lagrimas nas vozes, misturadas com as que escorriam pelas faces.

E sempre assim até á beira do coval, em que todos de joelhos e no mais sumido compungimento resavam a ultima oração.

Renovada a commoção quando as cordas desciam o caixão á sua ultima jazida, todos se apertaram de novo a vêr se mais uma vez podiam abraçar e beijar esse caixão que lhes ja desaparecer para não mais ser visto.

Assim ficou descaçando para sempre na sua derradeira jazida o respeitabilissimo prior da Pêra do Moço, á sombra d'uma acacia mimosa plantada por sua mão no cemiterio da sua ultima igreja parochial, que elle tanto amava. Essa acacia vai-lhe agora pagar os cuidados e régas que lhe dispensára, cobrindo com as suas melhores flores, quazi a abrirem já, a terra que o roubou á vista de tantos amigos, e espalhando em torno os seus deliciosos aromas a neutralisarem os miasmas da decomposição do envólucro d'essa grande alma, que se evólára para o seio de Deus eterno que servira na vida.

Invejada e poetica acacia, que assim, melhor que os parochianos e amigos do bom prior da Pêra do Moço, póde a toda hora velar aquella querida sepultura e transformar em sempre renovadas folhas e flores os elementos que foram da sua constituição corporea, absorvidos pelas suas raizes, ensinando-nos a nós, que somos entes racionais, a transformar tambem em flores de virtudes os exemplos que nos deixou aquelle modelo de parcho e de amigo.

. . .

Nasceu em 1856 n'uma pequena mas pitoresca aldeia da Beira-Baixa, em Villa-Fernando, concelho da Guarda, descendente d'uma familia abastada e sem outros pergaminhos a recommendal-a além da honestidade, da honra e da orientação profundamente religiosa que no decurso de successivas gerações a tem acompanhado.

Era tio do auctor do *Album dos Vencidos* e irmão do Dr. José Pereira Monteiro, Julio Pereira Monteiro e D. Antonia Pereira Monteiro, ja fallecidos, e de Jeronymo Pereira Monteiro, D. Ascensão Pereira Monteiro, esposa de José Matheus Pereira, e de D. Joaquina Pereira Monteiro, que o acompanhou sempre até aos ultimos momentos, sentindo todos a mais pungente saudade pela perda do amigo e do protector.

A fama das virtudes d'esta familia estende-se longe e dilata-se especialmente por uma grande area em torno da sua terra aonde chega a sua acção benéfica e caritativa, especialmente exercida por aquellas ultimas senhoras, que muito se confrangem com as desgraças alheias.

O padre Joaquim Pereira Monteiro cedo mostrou decidida vocação para o estado sacerdotal.

Os cuidados, ensinamentos e exemplos de que viveu cercado durante a

Primeiro julgamento no Tribunal das Trinas



Joaquim Augusto d'Almeida entrando no ex-convento das Trinas acompanhado pelo oficial de diligencias José Lampanas e guarda republicana



Joaquim Augusto d'Almeida no banco dos réus

(Vide página 167)

infancia e parte da adolescencia no lar paterno, deveriam produzir mais tarde abundantes fructos, pois eram confiados a terreno bom e fertil.

De modo que de casa de seus paes elle sahia com um tirocinio modelar para o Seminario da Guarda onde fez os seus estudos preparatorios e theologicos, encetando logo a seguir a vida parochial com o munus que lhe foi confiado de pastorear a freguezia de Pêga.

Permaneceu ali 6 annos, sendo esse tempo o sufficiente para merecer da parte dos seus parochianos sempre e principalmente no acto da despedida os mais eloquentes protestos de estima e consideração, que bem poderiam interpretar-se como protesto affectuoso contra a sua sahida.

E, apesar dos annos decorridos estamos a vê-lo subir os degraus da igreja parochial a fazer os seus cumprimentos de despedida, e as lagrimas, as lamentações, os soluços, o alarido, e o panico que se apoderou dos seus parochianos, quando ouvem dos seus labios a phrase lugubre como o dobre de finados, — *de que ia partir.*

Como era bello, após o acto da despedida, vêr os seus parochianos de todas as edades, offegantes e pressurosos, saltar paredes, pisar terras de sementeira, pois o caminho era acanhado para conter tão grande massa de gente, acompanhá-lo uns até á sua terra, 9 kilometros, e outros em grande parte do trajecto, prestando assim uma homenagem de reconhecimento e sympathia ao seu bom pastor.

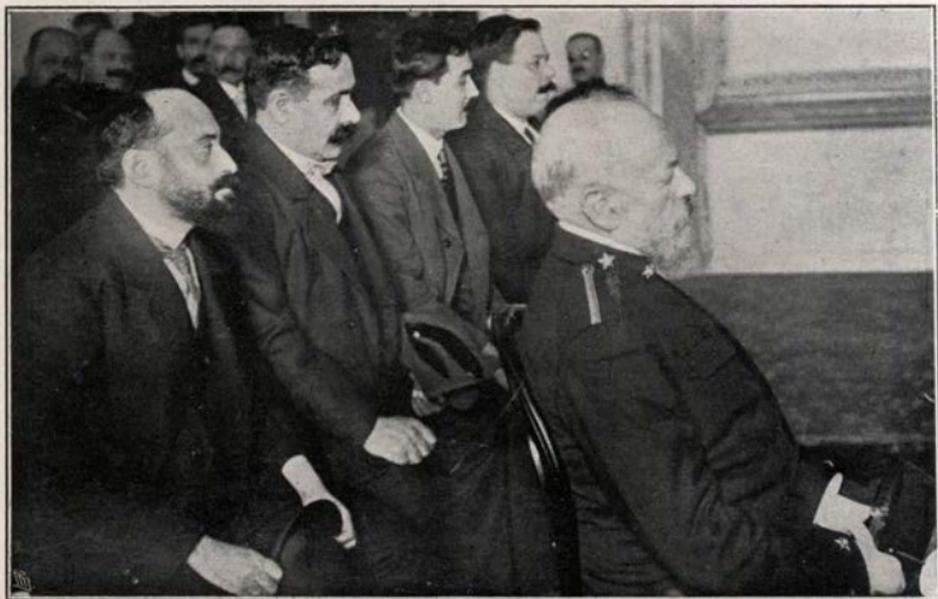
Sahia, pois, o Padre Joaquim Pereira Monteiro da freguezia de Pêga para ir parochiar a de S. Pedro de Manteigas, que havia ganho em concurso por provas publicas, sendo o primeiro classificado, e para corresponder aos desejos da veneranda, illustre e fidalga familia Ribeiro de Portugal da Silveira, que já conhecia por tradição as virtudes do novo parochio.

Em breve se tornaram estas conhecidas dos habitantes de Manteigas que se achavam todos a postos para recebê-lo com demonstrações festivas, conseguindo elle, que foi sempre modesto, alheio a vaidades e ostentações ridiculas, atravessar ao principio da noute com sua irmã, um creado e dois bucephalos que formavam toda a comitiva, por entre a multidão dos manifestantes, que apesar de muito os espevitarem, os tomaram por banhistas que caminhavam para as caldas da villa, tendo elle usado previamente do estratagem de desnortear o primeiro grupo de manifestantes, que como guarda avançada, estava encarregado de annunciar a sua aproximação com o trovejar d'uma girandola de foguetes, aos quaes se dirige o Padre Monteiro, perguntando qual o caminho mais curto para as caldas.

E assim, sob rigoroso incognito, atravessa as ruas da villa, fecha-se no seu presbyterio, sem que os habitantes suspeitassem sequer que o tinham em seu seio.

E' que o espirito do padre Monteiro ponderava que as mesmas manifestações de regosijo da entrada, podiam um dia repetir-se com intensidade talvez maior pelo facto da sahida.

Em Manteigas encontrava elle uma situação diversa da anterior, mais embaraçosa, attentas as multiplices relações que durante o exercicio do seu minis-



Um julgamento no Tribunal de Santa Clara

1.º plano: *General Dr. Abel de Campos* — 2.º plano da esquerda para a direita: *Dr. Carlos Pinto Garcia, Manoel Mendes, Antonio Cesar da Fonseca Oliveira e José Francisco Ferraz*

terio o deveriam pôr em contacto com as diversas classes sociaes que formavam a população d'aquella laboriosa e industrial villa, desde o proletariado á fidalguia.

Mas houve-se aqui com exito admiravel; pois que cuidando da educação moral, religiosa e das prosperidades da villa, para o que tambem contribuia com o quinhão do seu esforço, conseguiu captar dos seus parochianos sem distincção de classes a mais alta estima e consideração, como bem o comprovaram varios episodios que se deram n'aquella terra, d'entre os quaes recortaremos para exemplo o seguinte facto.

A arborisação da Serra da Estrella, originava a cada passo successivos tumultos, já pela prohibição das pastagens nos sitios das plantações, já pelo córte das lenhas nas mattas publicas da serra.

N'um d'esses tumultos o furor e a indignação popular recrudesceu e os manifestantes, na maioria pastores, armados de todos os meios, ameaçavam destruir as mattas, não attendendo ás instancias da auctoridade civil e militar protegida por uma força de oitenta praças, que viêra a toda a pressa para suffocar o movimento.

Recorre-se n'esta difficil e grave conjunctura ao prestigio pessoal do padre Joaquim Pereira Monteiro, que atravessando por entre as ondas da multidão, sobe dois ou tres degraus da torre da sua igreja, falla ao povo na sua linguagem paternal, conseguindo demover os manifestantes do seu pernicioso intento.

Foi elle tambem que teve a iniciativa de se proceder á arborisação d'alguns contrafortes circumjacentes da Serra da Estrella, até ahi abandonados a uma completa esterilidade, e que hoje offerecem á villa de Manteigas um panorama agradável e uma fonte de riqueza propria a occorrer ás primeiras necessidades industriaes e caseiras.

Os recursos do seu saber e do seu modesto cofre estavam sempre promptos a socorrer os mais necessitados; e foi talvez este um dos potentes motivos que lhe mereceu tantas sympathias, podendo applicar-se a este caso o aphorismo vulgar, — *que as palavras convencem, mas o exemplo ou as obras arrastam.*

Depois de ter permanecido treze annos n'esta villa, sahiu por meio de permuta para a Pêra do Moço, causando aos seus queridos parochianos vivas demonstrações d' affecto e tristeza, e uma grande insistencia em o demoverem de mil modos a permanecer junto d'elles.

Finalmente treze annos depois da sua sahida, logo que em Manteigas echoou a noticia da sua morte, a imagem do padre Joaquim Pereira Monteiro apparece lucida e christalina no coração enlutado dos seus antigos parochianos, como bem o expressou a commissão parochial da freguezia de S. Pedro em sessão de 10 de novembro de 1912, como consta da respectiva acta, que a seguir transcrevemos:

«O Sr. Presidente propoz tambem que na acta d'esta sessão se lavrasse um voto de sentimento pela morte do illustre e virtuoso homem de bem Reverendo Joaquim Pereira Monteiro, ex-parocho d'esta freguezia e ultimamente da de Pêra do Moço, onde falleceu, e se mandasse celebrar uma missa pela sua alma no dia 1 de dezembro. — Todos conheceram o padre Joaquim Pereira



Padre Manoel Antonio Luiz

(Vide pag. 191)

Monteiro, e todos tiveram occasião de apreciar de perto as bellissimas qualidades do seu character integro, a sua comprovada lhaneza e fino trato, e seu dedicado amor á causa da instrucção que elle fomentou e desenvolveu n'esta villa, e á causa da beneficencia que n'elle teve até á hora da sua sahida, o mais carinhoso e desvelado protector. Pereira Monteiro tinha a tactica do padre moderno, para saber alliar á sua acção evangelisadora a da lueta sem treguas firme e sabiamente dirigida contra os males de que elle sabia enfermar a sociedade actual. Não rendilhava os seus discursos, nem se dirigia ao povo do alto da sua tribuna. Fallava-lhe a tempo e em termos precisos ora na igreja sentado na sua modesta cátedra, ora na rua ou em casa, mas pondo sempre a par do seu dever de parochio exemplar que o era em toda a extensão da palavra, os seus denodados esforços no combate contra o analphabetismo e o alcoolismo, cancro que elle via corroer a sua freguezia e especialmente a classe operaria que lhe merecia particular e especial cuidado.

Pereira Monteiro não se tornou bemquisto apenas na sua freguezia; toda a villa de Manteigas o idolatrava, porque elle tinha-se tornado credor da geral estima e subida consideração que todos lhe tributamos. E' que Pereira Monteiro no momento angustioso e afflictivo d'algum manteigense, lá apparecia a consolá-lo com os seus sabios e salutaes conselhos se era rico, e com palavras meigas repassadas de bondade, e a sua avantajada esmola se era pobre.

Por isso e não me sendo possível em consequencia da commoção que sinto ao referir-me ao meu illustre amigo Pereira Monteiro continuar na justa homenagem de preito e saudade, que desejava prestar-lhe, termino propondo que as minhas palavras fiquem exaradas na acta d'esta sessão e seja enviada copia da mesma á Ex.^{ma} Familia do nobre extincto. A commissão accordou por unanimidade nas propostas do Sr. Presidente. — O presidente, *José Ramos dos Santos Roque.*»

Militou no partido progressista sendo sem exagero um dos maiores influentes politicos do concelho da Guarda durante a monarchia, cuja queda fatal o levou a retirar-se da vida politica; e se n'ella se envolveu, foi por ver que era o unico meio de tratar do futuro dos seus.

Não militou n'um partido a quem a religião muito deva, porém exige a justiça que se diga: que o padre Monteiro soube sempre manter ainda mesmo em circumstancias difficeis dentro d'aquelle partido, a propria dignidade de homem e de sacerdote, conservando-se em um nivel superior a todas as tranquillidades politicas, porquanto a sua influencia adquiriu-a por meio das sympathias e não por qualquer modo indigno da sua honestidade: como tambem nunca usou do seu valor politico para vingar quaesquer injustos aggravos, valendo-se até d'elle não raras vezes para beneficiar os que imploravam a sua protecção, e para engrandecer com melhoramentos as localidades que parochiava.

Dotou a freguezia de Pêra do Moço com magnificas e modelares casas de escola, interessando-se perante os poderes publicos para a sua criação; melhorou as condições sanitarias da povoação explorando boa e abundante agua potavel; transformou no que respeita ao embelezamento a igreja, não obstante as difficuldades que o seu mau estado e a falta de recursos oppuzeram aos seus in-



Padre João Camello

(Vide pag. 191)

tentos; e desenvolveu a agricultura com os exemplos e lições practicas que dava aos seus parochianos.

Sendo um catholico fervoroso, era ao mesmo tempo um sacerdote liberal não querendo excessos no cumprimento dos deveres religiosos; ministrava a religião á maneira do sal nas comidas, nem de mais nem de menos.

Havia na freguezia uma mulher, que, talvez mais por vicio, fa quasi todos os dias confessar-se e receber a communhão, deixando em casa ao abandono o rebanho dos filhos e o marido, paralyndo assim a vida caseira; os conselhos do Padre Pereira Monteiro foram infructiferos para a demoverem d'estes repetidos excessos; que havia de lembrar ao bom sacerdote? applicar-lhe na confissão a penitencia de não se confessar durante meio anno.

O prestigio que derivava do seu modo de proceder levava algumas pessoas a ajoelharem a seus pés para lhe oscularem as mãos; e o Padre Monteiro indignado repellia immediatamente estas humilhações que não consentia.

Habitado a conviver com todas as classes sociaes, elle tinha as melhores relações com pessoas de destaque. O notavel medico e professor Dr. Sousa Martins e o insigne escriptor e livre pensador, Dr. Trindade Coelho, apreciavam-no muito, votando-lhe uma sincera amizade.

Sirva-nos para testemunho a laconica noticia da sua morte dada pelo jornal *A Guarda* no seu n.º 369: «No dia 3 do corrente pelas 11 horas, finou-se em Pêra do Moço, este sacerdote illustre, um dos que actualmente mais sabiam manter a dignidade do seu logar e que gosava entre o clero, parochianos e de mais pessoas que o conheciam de merecida consideração e respeito.

De espirito illustrado fazia-se impôr pela sensatez das suas opiniões, pela correcção da sua conducta e pela sinceridade e convicção que emanavam da sua palavra facil, amena e persuasiva, traduzindo quasi sempre conceitos e ideias que não se possuem n'um espirito de vulgar illustração.

Deixou saudades e grandes nas terras onde exerceu o seu munus.

Exercia tambem o cargo de arcypreste de Alverca. No dia 5 depois da missa de corpo presente foi enterrado no cemiterio de Pêra do Moço e tanto da parte do clero como de assistentes leigos viu-se a manifestação de homenagem mais sentida que se possa fazer a um morto.

Havia no enterro mais de 2:000 pessoas d'esta freguezia e de fóra. Ouvia-se bem dizer ao povo: «morreu o nosso protector, o amigo dos pobres, o pae d'esta freguezia».

Em volta do seu cadaver os gritos de dôr, as lagrimas de saudade e de gratidão viam-se no rosto de todos os assistentes.

Publicando-lhe aqui o retrato, é uma honra para este *Album*, e um tributo de profunda saudade que o seu auctor presta a seu tio, que soffreu bastante com as torturas infligidas a seu sobrinho no longo espaço de 10 mezes e 10 dias de prisão, e ainda porque o Reverendo Padre Monteiro experimentou varias perseguições que tendiam a arrastal-o para uma prisão pela attitude digna que desde a promulgação da lei da separação tomou, pois dizia bem alto que havia de obedecer ás ordens dos seus superiores hierarchicos e defender a Igreja na situação difficil que estava atravessando, ainda que tivesse de fazer n'um carcere.

Dr. Alberto Pereira d'Almeida

E' o autor d'esta publicação, e por isso não lhe consente ás costumadas homenagens que se teem rendido a outros vencidos. Mas as suas qualidades de caracter, de intelligencia e faculdades de trabalho na situação difficil para que a republica o arremessou, patenteiam-se nas paginas d'este livro.

Não consentindo elogios, narremos os episodios da sua prisão e evasão.

Capturado na tarde de 9 de junho de 1911 na fronteira, de regresso da povoação hespanhola de Aldeia del Obispo, para onde se dirigira em passeio na manhã d'esse mesmo dia, principia o seu longo captiveiro sob a infundada accusação de ter tido uma conferencia com 50 a 100 jesuitas! no fronteiriço Forte hespanhol da Conceição!

São numerosas as testemunhas que o affirmam, entre ellas guardas fiscaes, que porfiando todas em perdel-o, teem o arrojo de attestar, estando ellas na povoação portugueza de Valle de la Mulla e á distancia de 2:000 metros, que viram jesuitas no interior das muralhas d'aquelle forte, servindo-se até da expressão de *que eram tantos como os corvos*; embora passados 4 mezes, em successivas inquirições e já depois de pronunciado, limitassem a infamia a declarar que o *Dr. Pereira d'Almeida não conspirou por ter sido preso!*

Em face d'estas accusações, sujeito a vexames e depois de ter sido logo após a prisão, sem se esperar julgamento, espoliado arbitrariamente pela republica do cargo de notario de Almeida, pensou em libertar-se dos pesados ferros, levando a effeito a sua evasão, que foi acolhida com geraes manifestações de jubilo.

Não ha duvida de que para todo o prisioneiro que se evade vae uma especial sympathia do publico. Será o amor que se dedica á liberdade, e que re-vela o apreço em que devem tel-a os captivos e os soffrimentos que a sua falta lhes origina? Será a paixão pelo drama, que se visiona nos sobresaltos do coração que aneia pelo exito da sua empreza audaciosa? Será o detalhe romanescos d'esses episodios em que a astucia, a coragem, o sangue frio e a imaginação empregam os seus recursos?

Seja como fôr, a historia das evasões lê-se com um interesse inegavel, e tanto mais vivo quanto se enredem em difficuldades que a figurariam insuperaveis se o genio dos fugitivos não as houvesse illudido ou derrotado. E' esse genio, a parcella da intelligencia vivaz e activa, irradiando n'uma ancia de liberdade e o spectaculo da fraqueza vencendo os maiores baluartes da força que seduzem o leitor de taes peripecias e o fazem por vezes considerar como heroes, criminosos da peor especie. E não digam que ha maneira de evitar seguramente essas evasões. As mais espessas muralhas, os ferros, os grilhões, não conseguem deter

as empresas temerarias do espirito. A historia está cheia de exemplos pelos quaes se conhece que não se descobriu até agora uma prisão segura que não seja um sepulcro, e d'essa mesma as forças obscuras da natureza arrancam os corpos para as florescencias livres da terra.

Não é só das cadeias d'Almeida que se foge. De toda a parte se pôde regressar ao ar e á vida. As evasões mais celebres são as mais difficeis, e algumas teem bastado para celebrar os que as realizam. Da fortaleza de Vicennes fugiu o duque Beaufort; do castello de Ham fugiu Luiz Bonaparte; do Templo fugiu o almirante Sidney, como da ilha de Elba pôde fugir Napoleão e da ilha Capera Garibaldi. Estes são nomes verdadeiramente historicos pela importancia que taes personagens possuíam. Mas Latude não seria conhecido sem as suas evasões da Bastilha; o conde de Lavalette não seria conhecido sem a sua evasão da Conciêrgerie; o barão de Trenck não seria conhecido sem a sua evasão da fortaleza de Glatz; Casanova não seria conhecido sem a sua evasão dos Chumbos de Veneza. Uma evasão bem realisada equivale a uma batalha ganha. Algumas d'essas evasões são poemas, pela tenacidade, pela fé, pela porção do ideal que as anima. Ha-as commovedoras. Ha-as sublimes.

Dir-se-ia que a liberdade é tão grande que só sabê-la amar e procurar conquistal-a engrandece aquelles que a tal se abalançam com todas as forças do seu braço, todo o fulgor da sua intelligencia e todo o entusiasmo da sua alma.

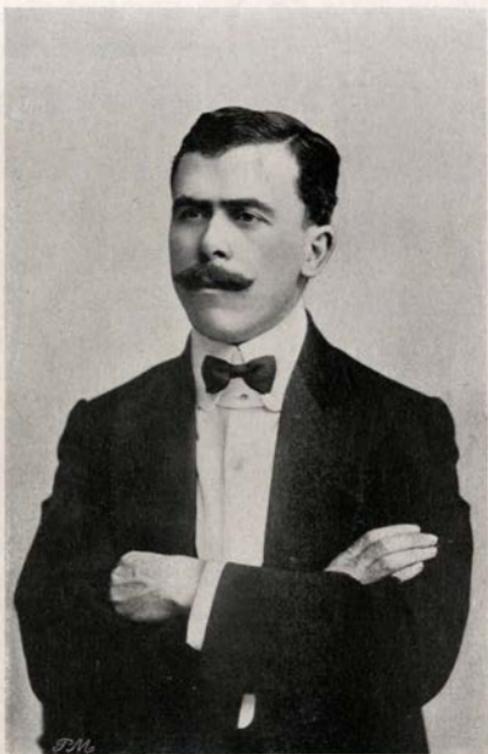
Foi o que aconteceu com o Dr. Pereira d'Almeida.

Transferido para maior segurança da prisão civil para a prisão militar do regimento de cavallaria 7, é encerrado n'um pequeno calabouço lageado e coberto de aboboda, tendo apenas uma estreita porta com uns oculos gradeados por onde entrava luz e o olhar prescrutador da sentinella. Cá fóra sentiam-se os latidos e as vociferações da escumalha rubra; lá dentro o som cavo dos seus passos agitados por um espirito revoltado, tendo deante de si as lagrimas de seu pae, um velho de 73 annos, o choro convulso de uma irmã, o luto geral d'uma familia, um futuro trahido e a triste aurora de novos supplicios. A liberdade, era, pois, a luz divina capaz de estancar tantas lagrimas e d'ella separava-o apenas a grossa lingueta d'uma fechadura que aos proprios carcereiros custava correr.

Uma vez, depois d'almoço, deu-lhe para besuntar a fechadura com azeite; e munindo-se d'um pequeno prégo correu quasi sem esforço a lingueta; esse simples instrumento era a liberdade. Preparou-se, pois, para ella.

Passados dois dias, aguarda com anciedade as 11 horas da noute; e no meio de sobresaltos, palpitações e o fraquejar dos membros perante lance tão arrojado, pois, podia perder a vida se na carreira vertiginosa que ia dar fosse presentido pela sentinella, espera que esta volte costas, abre com o maior cuidado a porta do seu carcere e segue veloz durante 200 passos a caminho de Hespanha, atravessando fossos e muralhas, descrevendo um semi-circulo em volta da praça d'Almeida da qual se ia afastando. Passada a primeira étape das muralhas, teve de deitar-se por terra occultando-se entre canteijo verde para descansar das fadigas, adquirir forças, recuperar animo e coragem para proseguir em tão arriscada aventura.

A noute quasi escura tinha apenas a luz escassa das estrellas; e Pereira



Dr. Alberto Pereira d'Almeida

(Auctor do «Album dos Vencidos».)

d'Almeida caminhando sempre por tapadas e terras de sementeira, escalando muros, saltando vallados, cahindo aqui, tropeçando acolá, umas vezes, gelando-se-lhe o sangue á vista d'um arbusto, d'uma giesta que lhe dava a impressão d'uma figura humana, outras vezes respirando com satisfação o ar puro da liberdade, e exultando com impaciencia pelo momento de pôr os pés em terras da hospitaleira, fidalga e cavalheiresca Hespanha, a cuja bandeira se ia acolher, podendo então como louco n'um impeto de desafronta em que fosse toda a alegria da sua alma gritar — *Viva a Hespanha!*

Era uma hora da noute; essa visão de alegria dissipava-se rapido com o estropello de dois cavallos a galope; de repente, páram; Pereira d'Almeida suspeiando que vinham em sua perseguição e que havia sido visto, estende-se no chão no meio d'uma seara, cobre-se com um impermeavel da côr verde do centeio, aguardando com fortes palpitações do coração o momento de ser apanhado.

Os dois soldados de cavallaria que haviam divisado o seu vulto, dispõem-se a ir ao seu encontro; entretanto quédam-se, fazem lume para accender um cigarro; e como sempre acontece, apagada a luz, fica-se por um momento numa situação peor que a anterior, completamente ás escuras; os dois soldados, pois, já nada viram, e lembrando-se que aquelle vulto seria o d'algum contrabandista, o que é vulgar na fronteira, continuam na sua marcha veloz a caminho de Valle de la Mulla, onde se encontrava um destacamento de infantaria e uma secção da guarda fiscal, levar a comunicação official da evasão do preso.

O Dr. Pereira d'Almeida que se achava já a distancia de 4 kilometros de Hespanha ainda avançou alguns passos, mas calculando logo que seria apanhado por aquellas forças que guarneciam a fronteira fazendo um cordão, elle que sahio da prisão com risco da propria vida, retrocede agora para entrar em Hespanha por outro sitio; foi a primeira contrariedade. Ao romper da madrugada chegou ás margens do Rio Cóa; despe-se totalmente, faz do vestuario uma trouxa que embrulha no impermeavel, colloca-a á cabeça, passa o rio no sitio menos profundo onde mais se espriava, veste-se e continua a sua marcha para Leomil.

Passa já de dia proximo da povoação de Aldeia Nova, e como caminhasse por propriedades escondendo o rosto, attrahe as suspeitas d'algumas pessoas que correm ao seu encontro obrigando-o a retroceder a esta localidade para ser reconhecida a sua identidade; depois de já ter caminhado muito e em liberdade, alguém sem intenção disse que estivera preso, o que trouxe logo aos circunstantes a suspeita d'uma evasão, sendo por isso novamente preso e conduzido a Almeida aonde chegou ás 10 horas da manhã, cheio de fome, tendo passado pelas maiores torturas e completamente exausto de forças.

Tendo requisitado de comer embora á sua custa, não lh'o consentiram, levando-se a incomunicabilidade ao ponto de não lhe apparecerem auctoridades, nem guardas e não tendo para descansar mais que o pavimento de fria lage, onde estendeu o impermeavel sobre que se deitou.

Assim esteve até ás 6 horas da tarde. Era preciso que o seu estado de saude inspirasse bastantes cuidados para commover o coração empedernido do juiz syndicante, que ia explorar o caso para saltar da comarca de Fozcôa á Boa-Hora, que se revoltou contra a maneira como um tal Raul de Seabra Pereira,



D. Maria da Conceição Pina Mendonça Falcão

(Esposa do auctor do «Album dos Vencidos»)

administrador, procedia para com um preso a quem de mais a mais devia as maiores attenções. O juiz ordenou que lhe fosse servido o almoço e todas as commodidades que o preso desejasse. Ficou doente alguns dias, sendo depois pelas 11 horas da noute acordado para ir á presença do juiz, cujo interrogatorio se prolongou até ás 2.

Passado um mez de incommunicabilidade é com tres co-réus, Padre Manuel Caetano Esteves, Padre José Raymundo e Antonio Joaquim Affonso, enviado no meio de escolta para Lisboa, seguindo-se os mais episodios que já são conhecidos do leitor.

Ao mesmo tempo que isto se passava em Almeida, um scena edificante se representava n'outra parte.

Em nome da republica o cidadão Dr. Arnaldo Bigotte, manda prender o pae para prestar esclarecimentos da fuga do filho e entregal-o á punição.

«Como se chama de um raio, derepente
se apruma o velho tremulo, cansado;
faísca-lhe nos olhos irado,
no rosto se lhe accende a indignação.»

«Mentis! lhe bradou convulso;
mentis, senhor Dom villão;
ou não tendes coração,
ou não lhe pedis conselho;
a *republica* é mui nobre,
não manda insultar um velho!
pode mandal-o ser pobre,
matal-o á mingua de pão,
mas mandar que um pae lhe entregue
seu proprio filho? isso não.
Em nome da *republica* mentiste,
Senhor *governador* villão!»

(O *italico* é nosso.)

THOMAZ RIBEIRO, D. Jayme.

O Dr. Alberto Pereira, d'Almeida é natural de Villa-Fernando, concelho da Guarda; formou-se em Direito em 1907, fazendo em seguida concurso para consul e notario.

E' auctor do *Manual de Prehistoria*, que publicou em quanto estudante da Universidade, e socio do Instituto de Coimbra.

Casou a 5 de junho de 1913 com D. Conceição Pina Mendonça Falcão, fidalga de antiga linhagem, que pelo lado paterno descende dos Pinas que occuparam cargos de confiança nas côrtes de D. Manuel, D. João II e D. Affonso VI, entre elles o chronista-mór do reino Ruy de Pina, seu decimo avò, e pelo lado materno, dos Mendonças e Falcões que procedem dos Tavoras.

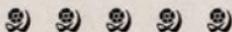
Padre Manoel Antonio Luiz

A alma popular com uma tradição monarchica arraigada, irrompe em agitações tumultuosas para sacudir um jugo que lhe destroe as crenças que a ensinam a amar a familia e os seus semelhantes.

Foi por isso que ao vêr avisinhar os mensageiros que de exilio transportavam o symbolo das glorias e das aspirações da patria antiga, no pendão que hasteavam, fascinados por elle, acclamam-n'o os povos com repiques de sinos, e marcham em massa para a sua defeza.

A incursão de julho foi por momentos d'uma passageira alegria que logo se converteu em tristeza em todas as almas, e em todos os lares aonde faltou o auxilio do braço protector.

Padre Manoel Antonio Luiz, ex-capellão do logar de Calvos, freguezia de Rôssas, concelho de Vieira do Minho, novo ainda, pois não tem mais de 36 annos, foi colhido n'uma d'essas manifestações de enthusiasmo, de fé e de heroica energia que o levou á Penitenciaria, depois de condemnado pelo Tribunal Marcial de Cabeceiras de Basto em 6 annos de prisão maior cellular seguidos de 10 de degredo, ou na alternativa de 20 em possessão de 1.^a classe á escolha do governo.



Padre João Camello

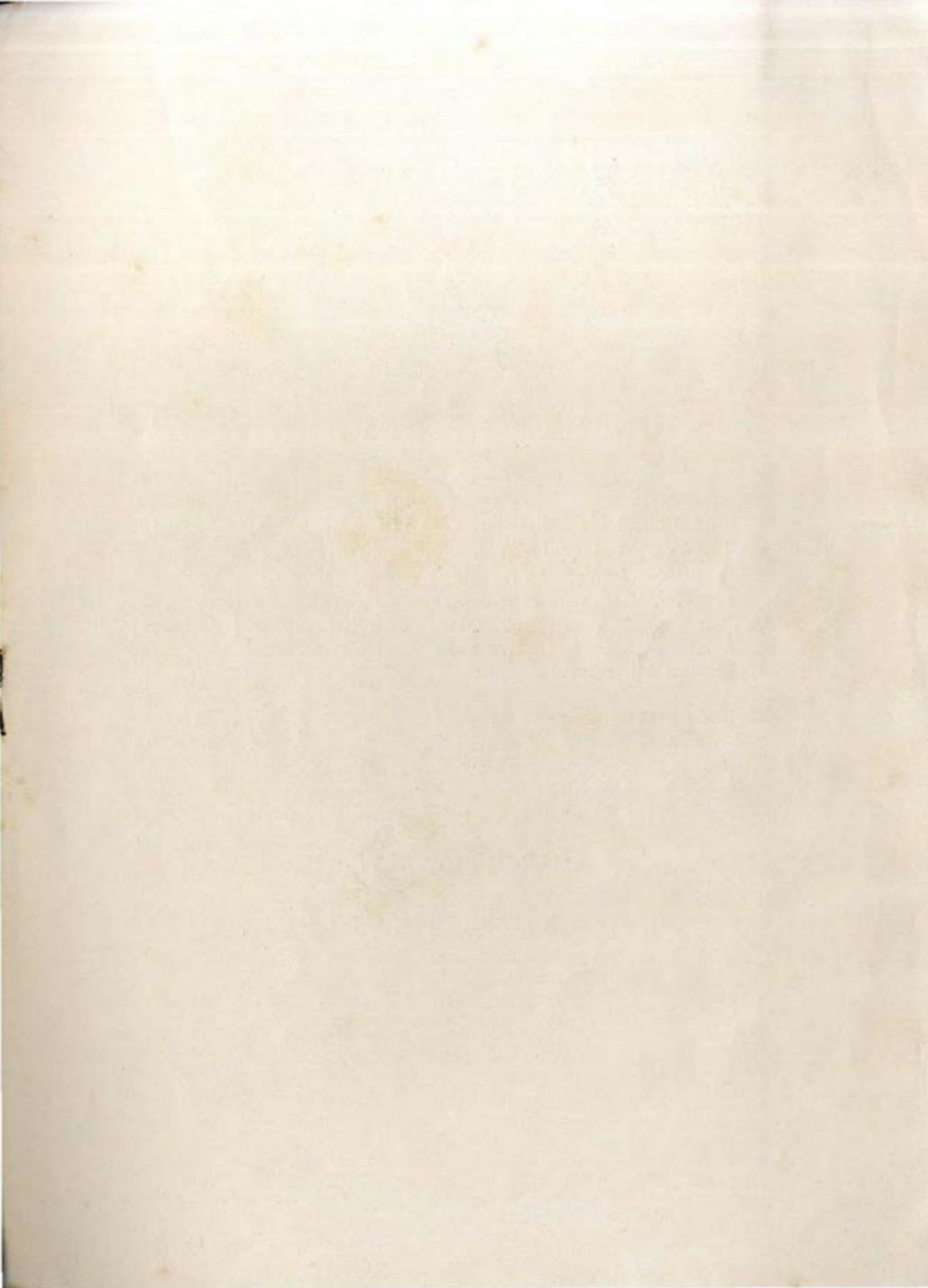
Nas mesmas condições e pelos mesmos motivos, teve a mesma sorte o reverendo João Camello, de 37 annos de idade, condemnado pelo Tribunal Marcial de Cabeceiras de Basto em 6 annos de prisão maior cellular seguidos de 10 de degredo, na alternativa de 20 em possessão de 1.^a classe á escolha do governo.



Castello d'Almourol

(Um padrão de glória dos tempos ominosos)

(Cliche Bobone)



AOS EX.^{MOS} ASSIGNANTES

Com o n.º 6 termina a assignatura do 1.º trimestre, e com o n.º 9, o 1.º volume do *Album dos Vencidos*, para o qual offerecemos as respectivas capas.

Tambem communicamos que reduzimos os preços de assignatura e que mudámos a redacção para a GUARDA, para onde devem ser dirigidas todas as reclamações, bem como elementos de informação, photographias, etc., que tenham cabimento na nossa publicação.

A assignatura é permanente.

Serie de 6 numeros	1\$000 réis
» » 3 »	540 »
Avulso	200 »

O *Album dos Vencidos* vende-se em todas as livrarias e tambem na

Rua dos Douradores, 32, 1.º, D. — LISBOA

Redacção e administração: Rua Ruy de Pina, 18 — GUARDA